



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUIZ OTÁVIO NEVES MATTOS**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-667

**Entrevistado:** Luiz Otávio Neves Mattos

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Universidade Federal Fluminense, Niterói.

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

**Data da entrevista:** 18/03/2016

**Transcrição:** Kenia Gouvea Garrafiel

**Copidesque:** Johanna Ermacovich Coelho

**Pesquisa:** Kenia Gouvea Garrafiel

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 58 minutos e 4 segundos

**Páginas Digitadas:** 26 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação do entrevistado; Aproximação com a área do lazer; Atuação no Ministério do esporte. Criação do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Visão sobre o processo de implementação do PELC; Projetos Piloto do PELC; Formação de agentes sociais de esporte e lazer; Legado do PELC;

Niterói, 18 de março de 2016. Entrevista com Luiz Otávio Neves Mattos a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Rejane Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Primeiro eu gostaria de te agradecer por disponibilizar seu tempo para nos atender. Gostaria que tu começasse falando sobre a tua formação, teu envolvimento com Educação Física e a tua trajetória.

L.M. – Eu sou graduado em Educação Física na Universidade Gama Filho. Eu entrei em 1981, me formei em 1984. Como todo mundo na Educação Física acaba sendo assim... Hoje eu estava inclusive comentando em uma aula sobre isso: a gente acaba atuando já desde que está se formando, enfim. Então a minha trajetória sempre foi no âmbito escolar, mesmo no processo da formação trabalhando como estagiário em escola e com treinamento esportivo. Durante um bom tempo na minha vida joguei voleibol, então comecei também, nesse processo da universidade, trabalhando com iniciação esportiva e com treinamento esportivo em clube e associação de funcionários, em comunidades, enfim. Logo em seguida, eu me formei em 1984 e, em 1985, houve o concurso para a rede estadual; um grupo de pessoas aqui do nosso grupo fez o concurso, a gente passou e desde 1985 eu sou professor, era professor, quer dizer, não sou mais agora porque estou na universidade. Mas fui professor da rede estadual de ensino no Rio de Janeiro, dando aula em um município da Baixada Fluminense chamado Nova Iguaçu. E ao mesmo tempo dando aula no setor privado, em uma escola privada também na periferia do Rio, na zona oeste. E em 1988 teve um outro concurso, também para a rede estadual. A gente fez e teve direito a ter duas matrículas. Agora está mudando por causa das 40 horas, mas na época eram matrículas de 16 horas, dois tempos em sala de aula, quatro tempos de atividades pedagógicas. A partir de 1988 eu tinha duas matrículas no estado, paralelo a isso tinha um emprego também na rede privada. Trabalhava no Clube de Regatas Flamengo com treinamento de voleibol, continuava trabalhando na associação de funcionários, da época, Banco Nacional da Habitação – BNH- que agora é Caixa Econômica. A gente treinava as equipes de vôlei, de atletismo. Trabalhava em um colégio na antiga escola alemã do Rio de Janeiro o Colégio Cruzeiro, também com voleibol, com iniciação esportiva, treinando as equipes que participavam dos Jogos Estudantis, enfim. Minha trajetória, até talvez os dez aos iniciais da minha formação, ainda misturava escola e clube, treinamento, mas depois as décadas de 1990 já comecei priorizar só escola e

trabalhava na rede estadual e na rede privada. Então foi isso. Acho que no final da década de 1980 eu comecei a ficar só com escola, foi quando eu... E paralelo a isso militando em um movimento de professores, saído do movimento estudantil militando no movimento profissional, na época a Rejane<sup>1</sup> acompanhava isso no movimento da oposição a APEF<sup>2</sup>. A gente era oposição a APEF, formava um grupo grande no Brasil que a gente fazia as nossas militâncias em nível estadual e nível nacional a gente militava para tentar ganhar a FBAPEF<sup>3</sup>. E isso também acabou levando a gente para o movimento sindical; acabei sendo dirigente sindical aqui no Rio durante muito tempo, do SEPE<sup>4</sup>. Fui presidente do SEPE durante muito tempo... Porque o SEPE é um sindicato estadual que tem as suas ramificações nos municípios. Como eu era professor em Nova Iguaçu, fui presidente do SEPE de Nova Iguaçu também. Então paralelo às aulas, enfim, o magistério, a militância política também acabou para além do partido da militância partidária da militância sindical e foi.

P.J. – E a temática do lazer? Como é que ela surgiu nessa tua trajetória?

L.M. – Então, a temática do lazer... Na verdade, eu inicio a minha militância mesmo, assim de orgânica, não foi no PT<sup>5</sup> nem foi no movimento estudantil, mas especialmente no movimento de bairros. Sempre morei na periferia, morava em um bairro periférico onde minha mãe mora até hoje com minha irmã e com meus irmãos. A gente começou a participar, era muito forte no Rio, no Brasil, mas no Rio era muito forte o movimento de associação de moradores. No final da década de 1990, você começou a ter muito apropriação desses espaços pelo tráfico, não o narcotráfico, mas o tráfico de drogas. E o segmento disse que perceberam que ali você tinha um nicho, uma forma de você ganhar eleição, onde você tem voto. Eleição que eu digo majoritária, eleição de executivo, legislativo. Mas até então você tinha, mesmo com todos os vícios, um movimento comunitário muito forte. E eu comecei a participar no meu bairro desse movimento talvez porque, pelo fato de eu ter jogado... Menino de brincar na rua, de jogar já em clube, eu comecei a ter um interesse dentro da associação: eu era dirigente, eu era diretor de relação de formação. Eu não me lembro exatamente a relação institucional; eu não me lembro qual era a minha função na direção, o

---

<sup>1</sup> Rejane Penna Rodrigues.

<sup>2</sup> Associação de Professores de Educação Física.

<sup>3</sup> Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física.

<sup>4</sup> Sindicato Estadual de Profissionais da Educação.

<sup>5</sup> Partido dos Trabalhadores.

cargo exatamente, mas isso daí não importava se tinha tão pouca gente para fazer tudo. Mas a gente tinha uma atuação forte no bairro para resolver os problemas dos moradores e no âmbito do lazer de tentar ver se a gente conseguia fazer o bairro, que era um bairro até bom na periferia, mas um bairro com muita possibilidade de lazer para as crianças, para os jovens. E a gente começou a ter algumas ações junto as Secretarias, na época você tinha a tal das ruas de lazer aqui no Rio de Janeiro e a gente começou... Era o recurso que a gente tinha, a gente não tinha essa compreensão crítica do lazer que a gente passou a ter, mas enfim. A gente começou a buscar essas ruas de lazer para o nosso bairro. E aí começamos despertar essa... Talvez você fez a pergunta agora, mas em termos de início dessa relação com essa temática, vamos dizer assim, de uma forma de uma outra forma de organização, foi na associação de moradores. Quando a gente para o trabalho, assim, no dia a dia da escola, você não tem muita relação com isso porque o dia a dia da escola é um dia muito específico. Muito! O dia a dia da escola é muito específico, mas mesmo assim, na escola que eu dava aula a gente teve uma... Eu fui convidado pela diretora da escola privada para trabalhar com uma disciplina com terceiro ano do ensino médio. Essa escola é uma escola rica na zona sul do Rio. É uma escola que os alunos quando chegam, a escola começou a disputar, ela não disputava vestibular, não participava, não tinha. É uma escola que foi crescendo, tinha só os anos iniciais. Quando ela chegou no terceiro ano, ela começou a participar e em virtude disso os alunos começaram a ter um dia a dia muito puxado voltado para essa coisa do ranking. E a diretora me convidou e disse: “Seu Luís, você não quer fazer um trabalho com terceiro ano?” E eu dava aula para eles direto desde pequeno até o nono ano. Eu falei: “Vocês têm que parar de me ver. Eu parar de ver vocês. Vocês estão de saco cheio de mim.” Aí no primeiro e segundo ano eu parei de dar e ela me convidou para pegar o terceiro. Ela falou assim: “Ah! Você vem aqui, faz uma atividade, não vai valer nota mesmo.” Entendeu? Eu falei: “Vem aqui, dou uma atividade para eles à tarde. Se é para pegar vou pegar uma coisa séria.” Eu tinha vontade de fazer um projeto de lazer com eles. E aí ficou. É muito parecido com o que o Edmundo<sup>6</sup> faz aqui em uma disciplina que chama de “Extramuros”. Eu comecei a organizar um currículo, um programa de uma disciplina que eles da Educação Física organizaram as aulas todas no mês. Quer dizer, duas aulas obrigatórias por semana, juntava tudo em um sábado e nós fazíamos uma atividade de lazer com eles. A ideia da atividade era conhecer pontos do Rio de Janeiro que a gente pode conhecer de graça, com poucos recursos,

---

<sup>6</sup> Edmundo de Drummond Alves Junior.

e botar eles para fazer uma atividade que eles não faziam. Então era vir de bicicleta até aqui em Niterói, visitar o MAC<sup>7</sup>, era subir a pedra da gávea, fazer tudo o que eles não faziam. Eles faziam nos Estados Unidos, faziam na Europa, mas não faziam aqui. Foi uma possibilidade de desenvolver a temática do lazer na escola. A gente apresentou isso em vários lugares, a gente tinha chamado de inclusão ao lazer funcionalista, compensatório. Eu falava: “Tudo bem, mas vai lá para a escola ver o que é, o que dá para fazer lá na escola.” Então foi uma forma de abordagem, mas não é um tema tão fácil de se abordar, mas na militância partidária a gente, por uma situação conjuntural, aqui no Rio de Janeiro, o Governador Garotinho<sup>8</sup> tinha como vice dele a Benedita da Silva<sup>9</sup>, uma parlamentar do PT. E ela foi vice, fez a campanha, na época o PT se aliou ao PDT<sup>10</sup>, foi uma conjuntura muito específica logo depois das eleições que a gente perdeu para o Collor<sup>11</sup>, e havia uma dificuldade de diálogo entre o PT e o PDT aqui no Rio. O Lula<sup>12</sup> e o Brizola<sup>13</sup> conseguiram fazer uma discussão mas os militantes não se ouviam, apesar de estar em um campo muito próximo de esquerda, mas a gente não se ouvia. E a gente conseguiu fazer. O Garotinho era do PDT, era um Brizolista, se dizia Brizolista. A gente fez essa aliança com a Benedita sendo a vice. Até então a Secretaria de Esporte estava na mão do PDT e o Garotinho saiu para ser candidato a presidente, aí ele rompeu com o PDT e saiu contra. Enfim, já tinha saído, não tinha o que devia mais nada, nenhuma satisfação ao Brizola e saiu candidato a presidente. A Benedita teve que assumir porque ela era vice do governador e ao assumir foi uma polêmica danada... O PT, o que a gente faz aqui? Assume, mas ela não tinha como dizer não. Se ela não assumisse ia ter que assumir o presidente da câmara da assembleia legislativa. E aí o PT decidiu assumir e ao assumir você tem que assumir os cargos, então, a Secretaria de Esporte e Lazer que era uma Secretaria que não tinha essa estrutura que tem hoje por causa dos Jogos Olímpicos, por causa da Copa. Era uma secretaria que o grande forte dela era a SUDERJ<sup>14</sup>, que é a autarquia Superintendência de Desportos do Rio de Janeiro, era quem tocava a política da secretaria era a SUDERJ. A SUDERJ, boa parte da energia dela, gastava com o

---

<sup>7</sup> Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

<sup>8</sup> Anthony William Matheus de Oliveira.

<sup>9</sup> Benedita Sousa da Silva Sampaio.

<sup>10</sup> Partido Democrático Trabalhista.

<sup>11</sup> Fernando Affonso Collor de Mello.

<sup>12</sup> Luis Inácio Lula da Silva.

<sup>13</sup> Leonel de Moura Brizola.

<sup>14</sup> Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro.

Maracanã<sup>15</sup> porque manter aquele negócio, aquela loucura lá... E tinha algumas ações específicas de atendimento ao público de iniciação: atendia um jovem de dezessete anos, crianças e jovens até dezessete anos e os idosos. Tinham projetos de natação, de hidroginástica, iniciação ao vôlei. Fora isso a SUDERJ era Maracanã, Maracanã, administrar aquela loucura lá, dias de jogos e visitas. Quem era o secretário era uma pessoa chamada Francisco<sup>16</sup> - “Chiquinho da Mangueira”, que é uma pessoa muito complicada, não vale a pena ficar falando na entrevista, mas enfim, era o secretário e a gente assumiu a Secretaria de Esporte e Lazer. Não a presidência não a Secretaria, a gente, na verdade, não existia a Secretaria, era a SUDERJ estou falando aqui depois é que se criou uma Secretaria extraordinária. A gente assumiu a SUDERJ, o presidente não era do nosso grupo, era uma pessoa ligada a Benedita, mas a SUDERJ tinha uma estrutura, tem até hoje, que era o presidente e tinha duas vice presidências; uma vice presidência administrativa que tratava de Maracanã e outra vice presidência de esporte que tratava dessas iniciações desses projetos. O vice-presidente de esporte foi o Ribamar<sup>17</sup>, que você vai entrevistar hoje à tarde e existia três diretorias: uma diretoria de esporte comunitário, uma diretoria de esporte de alto rendimento e uma diretoria de esporte que era mais, não era mais, é uma coordenação ligada a mim que era diretoria de coordenação de esporte para pessoas com deficiência. Aí a gente assumiu, o PT. A gente no PT já tinha uma formulação de alguma forma de militarista, a gente tinha, não uma formulação, mas já tinha um núcleo de esporte e lazer aqui no Rio, esqueci de falar isso, no PT a gente já tinha fundado a nossa forma de organização do PT. Era nuclear, a Rejane sabe muito bem disso, o quanto isso foi importante para o PT. Então a nossa forma de contribuição no PT, a minha, desse grupo que acabou indo para a SUDERJ, era nos núcleos de bairro. Eu tinha uma militância no meu núcleo de bairro que fundou o PT lá no Valqueire<sup>18</sup>, onde eu morava, o núcleo da educação e o núcleo do esporte e lazer. Esses núcleos da educação e do bairro eram núcleos que tinham uma frequência maior de reunião, tinha uma vida maior, uma vida mais intensa. O núcleo de esporte e lazer tinha um grupo muito bom que veio da militância da APEF, da oposição à APEF, a gente fundou esse núcleo e também a gente tinha uma organização razoável. E ali existiam algumas formulações que viam muito em função da nossa militância na Educação Física não do lazer especificamente,

---

<sup>15</sup> Estádio Jornalista Mário Filho.

<sup>16</sup> Francisco Manoel de Carvalho.

<sup>17</sup> José Ribamar Pereira Filho.

<sup>18</sup> Vila Valqueire.

mas na Educação Física escolar. Com a entrada da Benedita no governo a gente foi chamado a assumir e foi a gente, não tinha mais ninguém no Rio que tinha referência dentro do PT. Então o Ribamar chamou a vice-presidência, quem assumiu a outra diretoria foi um cara que não é nem ligado ao esporte de alto rendimento, você deve conhecer, o Walter Russo<sup>19</sup>, que trabalhou nos Jogos Olímpicos. O outro que assumiu é o Luis Claudio<sup>20</sup> que é um companheiro nosso do PT, que trabalhou a coordenação de esporte pessoas com deficiência. Aí ali começou uma vida. Nós tivemos nove meses no governo, teve a eleição no final do ano e a Benedita não ganhou e a gente começou a buscar um contato com colegas nossos: com Rejane, com a Andrea<sup>21</sup>, lá no Pará, com o Jamerson<sup>22</sup> em Pernambuco, para a gente começar a tentar ver. Trouxemos algumas pessoas aqui para fazer um debate com a gente, pessoas de São José dos Campos, que a prefeitura não era nossa, um secretário também de Belo Horizonte. Eu sei que a gente começou a trazer pessoas aqui para começar a conversar, muito no sentido de pensar o que seria o lazer, uma política de esporte e lazer no Estado. Porque a gente já tinha algumas experiências bem interessantes: Rejane lá no Sul em municípios, em Estado a gente tinha uma dificuldade e até hoje a gente tem dificuldade entender um pouco qual é o papel do estado nisso. E aí foi uma experiência nossa administrativa de gestão e de formulação porque a gente teve que formular alguma coisa para o Estado. Como eu falei, assim, pensar em política... O Brasil como não tem um sistema ainda organizado, pensar em política pública local é município. Pensar em política pública estadual é uma sobreposição de atividades. O Estado faz a mesma coisa. A SUDERJ fazia a mesma coisa que o município fazia. Os projetos que chegavam do Governo Federal, na época do Fernando Henrique<sup>23</sup>, depois começaram a chegar na época do Lula, as ações finais eram as mesmas, então, a gente colocou isso como desafio. Qual é o papel? Foi o nosso grande lema do governo. Se a gente ganhasse a eleição, talvez com certeza continuaria, mas o nosso lema era entender qual era uma política de esporte e lazer para o estado. Nesse sentido a gente teve uma formulação razoável, a gente mandou muito material depois lá para o Ministério<sup>24</sup>, para o Lino<sup>25</sup> e tudo mais. Então acho que no âmbito do lazer, da gestão do

---

<sup>19</sup> Walter Russo de Souza Junior.

<sup>20</sup> Nome sujeito a conformação.

<sup>21</sup> Andrea Nascimento Ewerton.

<sup>22</sup> Jamerson Antônio de Almeida da Silva.

<sup>23</sup> Fernando Henrique Cardoso.

<sup>24</sup> Ministério do Esporte.

<sup>25</sup> Lino Castellani Filho.

lazer, da elaboração, acho que começa por aí, talvez por esse interesse em níveis de bairro, dentro da escola, esses espaços que eu tive e depois na gestão mesmo.

P.J. – E como é que se deu teu envolvimento com o PELC?

L.M. – Então eu já estava no Ministério, quer dizer, a gente com a experiência que a gente teve aqui no Rio, e com a experiência que a gente teve nessa formulação e na composição nacional, na disputa, na representatividade política, é aquela coisa assim bem simples. Teve gente que chegou lá antes porque tinha disponibilidade, eu me lembro que na época a gente conseguiu reunir um grupo de pessoas para pensar nisso, pessoas que estavam muito referenciadas. No CBCE<sup>26</sup> foi uma coisa importante, uma referência. A própria militância nossa também na Federação das APFEs. A gente conseguiu reunir um grupo de pessoas para pensar como é que a gente ocuparia aquele lugar, porque o governo de transição estava montado e nós não tínhamos ninguém lá para pensar no esporte e lazer. A gente conseguiu definir, porque estava todo mundo muito ocupado, a gente na gestão no Rio, mesmo perdendo a eleição a gente tinha combinado com a governadora de ir levar tudo bonitinho até o final, porque a gente chegou lá com tudo destruído, tudo destruído, os caras destruíram tudo, levaram memória de computadores, a gente não teve nada, nem dinheiro a gente tinha a gente fez milagre aqui no estado. Mas a gente se comprometeu. A governadora pediu para a gente levar até o final tudo bonitinho. Então a gente não podia sair daqui. Quem foi, foi o Veronez<sup>27</sup>, ele foi ocupar o governo de transição. A gente tentou alimentar ele... Porque ninguém tinha uma formulação, ninguém tinha consistência, tinha em nível municipal, mas em nível... Preparar um PPA<sup>28</sup>, PPA, preparar... A gente foi aprendendo e o Veronez, acredito que tenha se movimentado bem lá para correr atrás de ajuda, de suporte no Ministério do Planejamento, a gente de alguma forma tentava ajudar. E aí o Veronez foi e no processo de discussão onde oposição política no Ministério, a gente não tinha um nome para ser secretário; não tinha um nome, houve muita especulação da nossa parte, a gente não tinha muito... A gente tinha muita capacidade de formular, mas a gente não tinha muito trânsito com o núcleo duro que estava se formando naquele período de indicação de nomes.

---

<sup>26</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>27</sup> Luiz Fernando Camargo Veronez.

<sup>28</sup> Plano Plurianual.

A gente buscou na época até o Juarez Soares<sup>29</sup>, na época que era filiado ao PT. Procuramos o Sócrates<sup>30</sup> na época também, mas nenhum deles mostrou interesse, depois se recuou, enfim. Surgi o nome do Lino como uma possibilidade de consenso entre esse grupo que estava. Não era uma coisa assim 100% consenso, mas foi o que saiu. Pela própria militância dele na Educação Física e pela formulação dele na área do lazer também. Não tinha muita experiência de gestão, mas a gente falou assim: “Um cara que tenha um nome.” Porque, na verdade, o Ministro também queria um nome. Nem Ministro tinha ainda para tu ter ideia; nem o Agnelo<sup>31</sup> estava definido ainda. Mas a gente precisava de gente que tivesse nome, enfim. Aí foi isso. O Lino foi nessa discussão de indicação, de composição, de equilíbrio de força, não sei o quê. O Rio, como eu tive uma experiência... Eu não sei porque Rio Grande do Sul não entrou, a entrevista com a Rejane também, mas eu não sei porque que não entrou.

R.R. – Porque na época vocês tinham uma sintonia maior em disputas. Às vezes, Rio, São Paulo, Brasília, entendeu? E nós estávamos mais distantes.

L.M. – Entendi. Tu estava na gestão também? Não estava?

R.R. – Eu estava na gestão do município ainda.

L.M. – Então é isso, é isso. Tinha gente na gestão, eu sei que teve isso. Eu me lembro que a Andrea não estava na gestão lá em cima, eu acho que tinha perdido você, lá no Pará. O Marcelo<sup>32</sup> também estava lá em Pernambuco. O Jamerson não quis vir, não podia vim, indicou o Marcelo. E aqui no Rio o Ribamar não queria porque estava... Aí foi uma questão... Na verdade nosso nome era o Ribamar, mas o Ribamar estava com o filho pequeno, tinha acabado de separar e eu tinha acabado de casar, enfim, aí e fui a bola de vez. O Rio tem que estar lá e aí teve a indicação do meu nome. Então foi isso. Andrea do Pará, eu do Rio... Aí teve uma questão também de força de representação, a representatividade política que e também a própria condição de eu colocar: “Eu só vou para lá se eu tiver algum cargo, ter ajuda de custo e que eu tenha condição de vir para o Rio” porque eu estava com a minha

---

<sup>29</sup> Juarez Soares Moreira.

<sup>30</sup> Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira.

<sup>31</sup> Agnelo dos Santos Queiroz Filho.

<sup>32</sup> Marcelo de Almeida Pereira conhecido como Marcelo Russo.

mulher que não quis vir. A gente tinha acabado de casar. E aí a negociação chegou ao cargo da direção, daí a gente estava compondo aquele... Até isso foi um processo de compor como é que seria a secretaria, a gente pegou exemplo de outras secretarias. Tinha umas no mesmo modelo dessa, quer dizer, a secretaria, os dois departamentos, o departamento de ciência e tecnologia, o departamento de esporte e lazer...

R.R. – É que isso é muito importante reforçar, não existia o Ministério do Esporte. Não existindo o Ministério, não se tinha estrutura de nada. Tinha que começar do zero.

L.M. – É verdade. Estrutura, né? Você tinha a secretaria, na época, a Secretaria Nacional de Esporte, que era uma secretaria ligada ao Ministério do Esporte e Turismo. Então você tinha uma secretaria nacional, que era o secretário era Lages<sup>33</sup> na época, depois eu não lembro se teve outros, acho que o Lages saiu a gente assumiu, acho que foi direto. Porque o Lula logo que entrou, em 2003, logo no primeiro, uns dos primeiros decretos dele, logo no início de janeiro, foi criar o Ministério do Esporte. Sinceramente até hoje a gente não sabe de onde veio essa força, isso é um Mistério, da onde veio essa força, por onde ele foi cutucado. O Agnelo não era o nome, o Agnelo surge depois, porque era um cara que era médico, tinha tido aquele...

R.R. – Porque teve a lei Agnelo Piva<sup>34</sup>

L.M. – Não. Ele teve uma, ele foi esperto, conseguiu pegar, o Piva<sup>35</sup> tinha morrido. Ele foi relator da Lei e levou a frente. Então o Agnelo acabou sendo um nome, um cara com nome, um médico, um cara que tinha uma expressão, um parlamentar e que tinha essa história com o esporte por causa da Lei Agnelo Piva. Por causa da Lei que depois ele acabou assumindo, mas enfim. O Lula queria e, como a Rejane falou, a gente precisava criar uma estrutura e a estrutura foi criada nesse sentido. Pegamos modelos de outros ministérios, não tinha muita capacidade de... O PCdoB<sup>36</sup> já estava nessa história também participando dessa discussão e aí se construiu essas três secretarias: Secretaria de Esporte de Alto Rendimento, Secretaria

---

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>34</sup> Lei Agnelo Piva Nº10.264.

<sup>35</sup> Pedro Franco Piva.

<sup>36</sup> Partido Comunista do Brasil.

de Desenvolvimento de Esporte e Lazer e Secretaria de Esporte Educacional. E dentro da Secretaria Nacional de Desenvolvimento, ficou essa composição. Uma diretoria de Esporte e Lazer, Desenvolvimento de Esporte e Lazer, de Políticas Sociais de Esporte e Lazer; uma diretoria de Ciência e Tecnologia do Esporte, que aí teve as coordenações. Aí daí para baixo coordenações são mais ou menos iguais às outras: coordenação geral, coordenação não sei do quê. Uma estrutura mais ou menos igual a das outras parte do Governo Federal. Mas acho importante sublinhar isso que a Rejane falou, porque a gente começou um processo novo, um Ministério novo que, como eu te falei, alguém deve ter uma informação privilegiada, mas a gente até hoje não sabe de onde surgiu, qual foi a força que levou o Lula. Foi um dos primeiros decretos do Lula criar o Ministério em janeiro de 2003. Talvez o Lino saiba, não sei. Porque o Lino também veio depois.

P.J. – E nessa composição, como surgiu a ideia do PELC?

L.M. – Quando o Lino conseguiu disponibilidade para ir primeiro, foi o Veronez fazendo parte do governo de transição, antes não se pensava em nada ainda de um programa. Mas assim, como teve que preparar o PPA, o Plano Plurianual, a gente começou... O Lino foi em seguida, eu acho que a Andrea já conseguiu ir, não me lembro exatamente, eu fui o último a chegar por causa de me liberar aqui das coisas aqui. E aí a gente já estava nesse processo de construção de um programa de lazer. A ideia era um programa de lazer, não era programa de esporte, era programa de lazer. Só que o PCdoB já estava instalado no Ministério, já estava definido o nome do Agnelo nesse período já para abril, mais ou menos, março. Não existia Ministro em março. Para tu ter ideia, mas eu acho que já estava instalado, o governo ali já estava, o Lino também chegou nessa época, eu cheguei em abril. E aí o que acontece: essa ideia teve que ser... A gente economizou na ideia porque teve que abraçar a temática do esporte, porque é o Ministério do Esporte. A ideia do lazer que a gente trazia com muito forte da nossa ideia do lazer do trabalhador, do direito ao acesso ao lazer teve que ser mediada e se cria a ideia de um programa de esporte e lazer com todo o cuidado que se teve, assim no início, da temática do lazer não engolir o esporte e a temática do esporte não engolir a temática do lazer. Mas a gente lutou isso a vida inteira, mas se pautou o programa. Quando o programa se tornou um programa orçamentário, porque na verdade ele não se torna um programa orçamentário de imediato, ele entra no PPA, mas ele era o último ano do PPA anterior, então você está trabalhando com o último ano do último orçamento. Ele vai entrar

como uma peça orçamento, como uma ação orçamentária, como um programa orçamentário no outro ano que é outro PPA. Então, a gente conseguiu fazer um desenho, estava desenhado o programa com as ações, eu não me lembro se ele já tinha todas as treze ações na época. Acho que não, não me lembro, ou tinha, não me lembro, mas enfim. A gente foi falar com o Ministro para a gente conseguir implantar o programa. O PCdoB já tinha emplacado a ideia do Segundo Tempo<sup>37</sup> porque, na verdade, foi só a transformação do Esporte da Escola. O Programa Esporte da Escola que eles deram uma boa maquiada, criaram uma marca muito interessante que foi o Segundo Tempo, não sei se foi uma competência grande ter criado isso. E foi a menina dos olhos do Ministério, ou seja, para conseguir dinheiro para o PELC<sup>38</sup> é que o bicho pegou, a gente não tinha dinheiro, e o Lino... [risos] Vou falar na entrevista, não tem como... O Lino nunca foi um bom negociador. O Lino nunca admitiu o fato, isso também é interpretação de algumas pessoas. Pode não ser a dele, mas eu falo, sempre falei para ele, não teve muita clareza do papel dele ali, entendeu? Era um secretário dentro do Ministério que não era nosso. A hegemonia do Ministério era do PCdoB, que era um partido que não tinha uma história no esporte, que viu ali uma possibilidade de crescer, enfim. Eles são muito competentes nesse sentido, de abraçar uma causa e dando o jeito deles ali, vão, mobilizam os quadros que eles têm no Brasil. E a gente precisava de um bom negociador ali na secretaria, entendeu? Uma pessoa que compreendesse a conjuntura, a nossa fragilidade para começar. O Lino começou nesse sentido, mas ele se irritava, ele não tinha esse perfil. A Rejane tem mais essa flexibilidade; o Lino não tinha esse perfil. E foi se irritando, enfim. Mas a gente viu que não tinha muito espaço, mas mesmo com toda essa dificuldade do Lino ele conseguiu, assim, ele foi lá atrás, conseguiu emplacar... O que o Agnelo cedeu para a gente foi assim: “Vou dar para vocês dez municípios. Tem dinheiro para vocês emplacarem esse negócio aí em dez municípios.” Porque ele não acreditava, o Agnelo via aquilo. Porque a visão do cara clássico, de ver o esporte. “Mas lazer? Eu pensei em botar esporte para essas crianças fazer” E o nosso programa tinha esse perfil de pegar da criança até o idoso aí que ele “puff”, enfim, ele autorizou a gente a implantar o programa em dez municípios do Brasil. Aí começou a loucura porque o Lino, quando falou para a gente essa notícia, a gente começou a procurar como é que a gente vai trabalhar. Caiu mais na minha secretaria, no meu departamento isso porque era o que a gente tratava políticas sociais de esporte e lazer. A gente sentou a equipe e começamos a procurar critérios para eleger dez municípios em um

---

<sup>37</sup> Programa Segundo Tempo.

<sup>38</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

universo de cinco mil e quinhentos municípios. Cinco mil quinhentos e sessenta e tal municípios. Quais são os critérios que a gente vai adotar? E aí a gente sentou, conversou várias vezes com o Lino. Nesse grupo que a gente tinha que mesclar critérios de ordem, de ordem de vulnerabilidade socioeconômica e critérios políticos. De vulnerabilidade socioeconômica não teve desacordo, agora de critério político teve desacordo porque assim: “Qual o critério político?” Como o Lino nunca teve uma... Ele teve, não vou falar, ele nunca teve...” Ele teve uma trajetória política sim, participou de governo lá em São Paulo, mas nunca teve... O Lino sempre foi um cara muito mais acadêmico... Se vocês olharem aqui, de vez em quando aparece umas cabecinhas de tartaruga aqui, tem bastante tartaruga aqui por incrível que pareça... Mas o Lino tinha dificuldades. Quando a gente falava assim: “Não é importante de pensar, porque não...” Aí a fala dele: “Não, porque nós temos que ter um programa republicano, porque se a gente levar essa programa para a prefeitura do PT...” O PCdoB fez isso direto, mas a gente não podia, porque aquela visão do Lino muito, não vou dizer pura, assim, mas com falta de habilidade de entender o momento que a gente estava vivendo. A gente precisava, a compreensão que nós tínhamos eu, o André<sup>39</sup> e o Marcelo era que o programa tinha que exatamente chegar num lugar que pudesse “bombar”, porque se ele chega em um lugar que ele não tivesse o mínimo de estrutura, o mínimo de confiabilidade política, ele poderia minguar. Aí o argumento para convencer o Ministro, que a gente não pensava nesse caminho de convencer o Agnelo, ia minguar. Então a gente queria que houvesse no Lino exatamente isso: “É importante esse programa chegar em lugares que ele tenha alguma estrutura física” Porque não adianta você implantar o programa num município que tenha seja de alta vulnerabilidade socioeconômica e que não tenha espaço físico que ele não vai acontecer. Que não tenha algum pessoal, algum órgão que trate da temática do esporte e do lazer e que esse município tenha alguma relação de confiança, a gente tenha alguma relação de confiança política, não partidária, política. Isso foi muito difícil, muito difícil porque o Lino tinha esse argumento que é um argumento difícil de você rebater. Vamos combinar que é difícil porque quando ele diz: “Temos que levar o programa onde tenha o PT” Está certo. O Brasil... O PT está no governo, o PT não manda no Brasil, mas a gente tinha uma outra compreensão que era uma compreensão estratégica, enfim, isso foi muito difícil. Foi muito difícil e se aliou a outro lado difícil que foi o critério de definir dez municípios de alta vulnerabilidade. Quando você abre o mapa do Brasil, o IBGE<sup>40</sup>, o Brasil

---

<sup>39</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>40</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

vindo do Fernando Henrique *todo* assim com raríssimas exceções, então, para onde você vai? Você joga, cruza lá, bota critério de pobreza, não sei o quê, analfabetismo, bah! Uma porrada de municípios. Abre um outro critério, cruza, bah! A gente ficou desesperado. Aí a gente falou assim: “Cara, o que vai ter que pesar vai ser o critério político!” Entendeu? Porque a gente começou a ver municípios muito pobres, muito pobres que se enquadravam nesse critério, mas que não tinha estrutura administrativa para receber um programa. Não ia ter nem gente para poder tocar isso lá e a gente não tinha certeza de que aquilo ia avançar. Então eu, por exemplo, tive uma polêmica danada, por exemplo: eu propus que Niterói fosse, porque Niterói estava sendo administrado pelo PT, e aí o que acontece? Niterói aparece nos noticiários como terceiro IDH<sup>41</sup> do Brasil, mas se você sair aqui de Niterói... Hoje melhorou muito, mas se você saísse naquela época aqui de Niterói e fosse para dentro, a tragédia do Morro do Bumba não é à toa aquela tragédia que morreu gente, tem gente que está sumida até hoje porque ficou enterrada lá no lixão. É muito sério aqui em Niterói, mas acontece que Niterói cresceu com essa coisa do IDH. Então porque vai botar em Niterói se o IDH é alto? Eu falava: “Cara, não é isso. Vocês têm que ir lá visitar, eu conheço Niterói” Aí já começou ali... Enfim, conseguimos emplacar dez municípios levando em consideração esse critério e o que definiu... Aí o Lino engoliu. Eu não sei se precisar exatamente como é que foi essa engolida, ele vai falar para vocês ou vai falar de outro jeito, mas assim de alguma maneira ele engoliu, porque realmente a gente implantou em Santa Catarina em Dionísio Cerqueira que era do PT; em Bagé era do PT, tinha o Mainardi<sup>42</sup>; em Ipatinga era do PT em Minas Gerais, em Xapuri era do PT, em Ji Paraná era do PT. Houve uma tentativa do Marcelo, na época, de levar para Caeté, não, Caeté esteve, Caeté esteve. Só que Caeté foi o que caiu logo de cara, porque exatamente por isso, Caeté era PT se não me engano.

R.R. – É importante tu reforçar isso, porque nós estamos tentando visitar esses núcleos todos.

L.M. – Caeté acho que caiu, mas tem que ir em todos. Caeté acho que caiu.

R.R. – Caetés, a gente teria o que fazer lá? Teria com quem falar?

---

<sup>41</sup> Índice de Desenvolvimento Humano.

<sup>42</sup> Luiz Fernando Mainardi.

L.M. – Não sei. Acho que vocês podem até falar com o Marcelo... Nem sei se tem o que contar, mas Caeté acho que caiu porque não teve, exatamente por isso, por que... Mas eu acho até que foi bom num universo de dez, um cair, com a dificuldade que a gente teve de mapear. Nós não podíamos ir lá, a gente tinha uma dificuldade danada, o Agnelo não liberava passagem assim. Depois é que a gente começou a ir. Então, Caeté acho que caiu porque não teve essa estrutura. O Marcelo pode falar até melhor porque ele que acompanhava, a gente se dividiu um pouquinho, eu ficava coordenando; a Andrea e o Marcelo dividiam, mas eu ficava muito em campo também. Mas assim, o Marcelo teve mais contato. E Caeté acho que caiu nesse quadro de que era muito vulnerável, não tinha estrutura e não se sustentou. Então começou a dar problema, não teve como receber concretamente o projeto, o repasse do recurso federal. Agora, todos os outros vingaram, cada um na sua maneira, todos eles vingaram. Xapuri vingou com suas características, Ipatinga vingou. Uns melhores do que os outros. É, o PELC tem essa beleza, porque ele tem essa coisa de chegar e traduzir e ter a cara do local. Agora eu estou me falhando os outros lugares.

P.J. – Juína, Castanhal, Imperatriz...

L.M. – Tá, mas assim, com certeza dos dez projetos iniciais, o Caetés caiu. Eu não sei se Caetés caiu e entrou outro no lugar, agora estou na dúvida. Mas enfim, qual era a tarefa? Era um dinheiro para a gente implantar o núcleo do PELC; o núcleo inicial até com aquela formação básica de uma pessoa cuidando, eu não me exatamente qual era a estrutura inicial. O dinheiro que tinha era para pagar esse pessoal, para comprar material de construção, material permanente, aquela coisa e aí fazer os projetos. Fazer os projetos para poder fazer a transferência, aí os municípios estavam com inadimplência, foi uma loucura. Agora, o que eu chamaria atenção sobre essa característica: houve municípios que absorveram muito melhor e tocaram muito mais rápido porque tinham estrutura. Bagé é o exemplo. Em Bagé o prefeito, o Mainardi, era um entusiasta e tinha estrutura no município, tinha técnico para acompanhar. Em Dionísio Cerqueira, um negocinho desse tamanho, oito mil habitantes, não, treze mil habitantes, na época - não sei como é que está hoje em dia - mas o prefeito também foi um entusiasta, botou gente para acompanhar, tocou. Em Niterói também tinha uma pessoa ótima, que era assessora do prefeito, também entusiasta e botou para tocar. Então dependia muito do local. Só que isso, mesmo se acontecendo bem, isso não gerou no Ministro o que a gente queria que gerasse: Está vendo, o negócio está certo!” O Agnelo

nunca acreditou. Ele nunca acreditou eu acho que por algumas razões. Uma delas porque a visão tosca do que o esporte é o que tem que ser: “No Ministério do Esporte tem que ter esporte, negócio de lazer é viagem intelectual do Lino.” E por outro lado porque também tinha uma disputa acirrada do PCdoB: o dinheiro tinha que ir para eles não para a gente. Por que botar azeitona na empada dos caras lá? Entendeu? Vocês viveram isso também, continuaram vivendo, não sei se a conjuntura atual hoje, com essa coisa da Frente Brasil<sup>43</sup> a gente mudaria se a gente estivesse nessa composição lá, pela própria história política que a gente está vivendo. Mas assim, na época, foi muito isso. Acho que esses dois fatores, o fato do Agnelo não lidar tecnicamente bem com o tema e por ter que canalizar dinheiro para o Segundo Tempo. Para o Segundo Tempo e para o esporte de alto rendimento. Quem foi para o esporte do alto rendimento num primeiro momento foi a Paula<sup>44</sup>, a Paula que foi para lá, a do basquete.

R.R. – A Magic Paula

L.M. – A Magic Paula. Depois eu não me lembro quem foi para lá.

R.R. – O André Arantes.

L.M. – André Arantes... [TRECHO INAUDÍVEL] Botar alguém lá que me dê tranquilidade no esporte de alto rendimento, jogar muito dinheiro no Segundo Tempo e administrar esses caras aqui. Então acho que isso levou a gente ficar meio sufocado. Aí, num determinado momento a gente começou a entender mais como é que funcionava a estrutura e eu sugeri que a gente... Também foi uma pancada com o Lino porque o Lino era difícil... Não sei o quê, não podia ouvir nada, admitia que vinha sempre da cabeça dele, que ele que era o grande intelectual, que a gente buscasse recurso nos parlamentares. E na hora que os caras perceberam que o programa era legal, que o programa podia fazer com pouco dinheiro muito barulho e que os prefeitos também não são bobos viam que tinha retorno para eles... A gente falou assim: “Cara, é pelos parlamentares.” E a gente teve o maior sucesso, a gente ia para o Congresso, a gente fazia um sucesso do caramba, todo mundo queria saber. O retorno é

---

<sup>43</sup> Frente Brasil Popular.

<sup>44</sup> Maria Paula Gonçalves da Silva.

que era uma merda, mas assim, não vinha porque muitas vezes o município não tinha condição, o prefeito não tinha...

R.R. – Mas foi gradativamente foi aumentando.

L.M. – Foi aumentando, mas assim, foi uma estratégia certa que a gente fez. O Lino não apostou muito nessa estratégia no início não. Ele queria era enfrentamento com o Agnelo, reverter, mas não é, é impossível acontecer aquilo ali. Então a gente começou a ter uma destinação orçamentária vinda das emendas, cada vez um pouquinho maior gradativamente, entendeu? E o PELC, eu acho assim, que cresceu muito pouco. Não por incompetência de quem estava lá; cresceu muito pouco pela conjuntura, pela correlação de força, mas cresceu. Agora, eu não sei se vocês estão tocando nisso na entrevista, mas tem um aspecto que eu acho que também é importante no PELC que foi que a gente também aprendeu uma coisa que a gente nunca tinha feito. Apesar de a gente ter tido experiências locais muito interessantes, mas nós éramos *muito* blindados pela própria história do Lino. Isso tem que reconhecer. Nós não conseguíamos levar ninguém para lá. A gente tentou levar a Rejane, a gente tentou levar o Marcellino<sup>45</sup>, tentou levar o Bramante<sup>46</sup>, tentou levar o Jamerson para... É isso que eu quero ficar, porque eu vou falar uma coisa assim que ele pode ser até que ele discorde, mas a Andrea vai concordar e o Marcelo vai concordar. Nós só conseguimos botar o PELC, porque o PELC tem uma ação que é fundamental que é essa de formação. Você não tem como fazer o PELC acontecer se não tiver formação, porque o cara que está lá é um cara que é um prático, um cara que está ali ralando há muito tempo, conhece muito da comunidade, mas a gente queria é passar alguns conselhos importantes para ele. E essa coisa da formação era a primeira ação; hoje é mais ainda, é mais a primeira ação. A gente tinha que chegar, formar esse cara para começar a tocar o negócio e o negócio não saía e o Lino não autorizava. A gente queria levar o Jamerson para lá, chamar a Rejane, chamar esses caras para dar uma geral para a gente chamar a... A Andrea já tinha vivido a experiência do Pará, de Belém, mas a gente queria dialogar com esse povo para a gente montar um curso de trinta e duas horas. Esse já tinha acordo, esse é uma capacitação de trinta e duas horas, esse tinha acordo. Só não tinha acordo para sair. Aí o Lino emperrava, emperrava, finalmente a

---

<sup>45</sup> Nelson Carvalho Marcellino

<sup>46</sup> Antonio Carlos Bramante

gente conseguiu levar Jamerson, não sei como a gente conseguiu esse negócio lá. A gente levou o Jamerson. A gente levou o Marcellino só quando você entrou, não é Rejane?

R.R. – Só quando eu entrei.

L.M. – O Marcellino só foi quando a Rejane entrou. A gente conseguiu numa jogada que a gente fez lá que eu não sei como é que foi, não me lembro, de consegui levar o Victor Melo<sup>47</sup> que nem é um gestor. O Victor Melo é um teórico, apesar de ser meu amigo, mas é verdade. E, acho que foi Jamerson, o Victor Melo e o Carlão<sup>48</sup>.

R.R. – Sim, o Carlão

L.M. – Não sei por que o Carlão também apareceu lá, também foi uma jogada que a gente fez. Foi uma jogada que a gente fez para enganar o Lino. E aí a gente sentou e montou... Eu tomei a frente dessa história junto com o assistente a gente montou uma... Apresentei a Andrea e o Marcelo, a gente fez alguns ajustes e aí ficou pronto o primeiro curso de formação do PELC, isso foi... E o primeiro lugar onde a gente experimentou a formação do PELC foi em Dionísio Cerqueira. A gente montou... E aí teve outra, montagem do grupo de capacitadores. A gente chamava de capacitadores, foi maior também problema: “Como é que a gente vai montar?” não sei o quê. E o Lino, nessa hora, eu acho que ele cedeu. Ele viu que o negócio tinha que acontecer, ele estava tentando vetar, não sei o quê, aí ele deu uma relaxada. A gente montou um grupo, não me lembro, mas acho que foram dez inicialmente, não sei. Me eu me lembro quem estava fazendo a formação era o Carlão, eu não me lembro os primeiros formadores.

R.R. – A Diná<sup>49</sup>, o Mascarenhas<sup>50</sup>

L.M. – Diná. No primeiro foi o Mascarenhas não.

---

<sup>47</sup> Victor Melo de Andrade

<sup>48</sup> Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior.

<sup>49</sup> Diná Teresa Ramos de Oliveira

<sup>50</sup> Fernando Mascarenhas

R.R. – O próprio Ribamar não foi formador?

L.M. – Cara, Rejane, eu tenho isso em algum lugar, mas eu não sei exatamente os nomes. Andrea guarda isso tudo, mas assim...

R.R. – A Andrea deu uma entrevista bem grande, mas acho que ela não chegou comentar, ela estava com uma trajetória de muitos anos de PELC.

L.M. – Muita coisa na cabeça.

R.R. – Ficou muita coisa, eu acho que esse foco ela não...

L.M. – Mas olha só: é legal você resgatar esse primeiro grupo. Tinha o Ednaldo<sup>51</sup> eu tenho certeza, o Carlão eu tenho certeza, porque sabe está misturando na minha cabeça com a Escola Aberta.

R.R. – É

L.M. – A Escola Aberta teve muita gente também desse grupo, mas enfim, a gente conseguiu montar um grupo que a gente deu um curso, lá em Brasília ... O Victor Melo participou da primeira. O Victor Melo é que foi para Dionísio comigo.

R.R. – Olha só.

L.M. – Victor Melo foi para Dionísio comigo. Eu me lembro até... Vou contar uma história engraçada aqui. Victor Melo, na primeira formação... Dionísio era aquela população assim lavrador mesmo, as pessoas que tinha um trabalho lá na comunidade, mas eram lavradores, pessoas bem assim humildes.

R.R. – Parecia aquele filme maravilhoso que foi em Dionísio, não foi?

---

<sup>51</sup> Edinaldo da Silva Pereira Filho.

L.M. – Foi. Foi em Dionísio.

R.R. – Filme maravilhoso.

L.M. – E aí aquela coisa, todo mundo sentado lá, Secretaria de... O Prefeito foi, a Secretária de Educação estava lá com a gente, a mulher do Prefeito que tinha sido Secretária sentado lá, o Victor... Essa é emblemática, Dona Rejane, não sei se te contei já isso?

R.R. – Não

L.M. – O Victor pega uma música, ele queria começar a formação ao invés de falando ele começar com uma música. Ele pegou uma música, um poema do Waly Salomão<sup>52</sup> que já morreu, mas é um cara louco, era um intelectual, um cara da cultura nossa. Só que é um poema assim bem, assim, como é que a gente fala? Da periferia, uma coisa assim, um linguajar completamente louco, entendeu? Que faz sentir mais louco. Uma música de fundo, aí o Victor falou assim: “Boa tarde” se apresentou, bom dia, sei lá, ligou aquele negócio. Aí todo mundo ficou assim, escutou aquele negócio, terminou, ninguém sabia o que estava acontecendo [risos], aquela loucura. Aí a secretária estava lá atrás de mim falou assim “Professor, que esse cara está fazendo lá na frente?” Porque o Victor fala muito de cinema, não sei o quê.

R.R. – E ele tem aquele estilo também muito à vontade.

L.M. – Cabelão, não sei o que. Aí ela levantou o braço e falou: “Professor, posso falar uma coisa?” “Fica à vontade, secretária.” Ela levantou: “Professor, o senhor sabe quantos quilômetros fica o cinema mais próximo daqui de Dionísio Cerqueira, onde é que fica?” O Victor começou a falar que eles tinham que ir para cinema. “O cinema mais próximo daqui de Dionísio Cerqueira fica a 150 km.” [risos]. Conclusão: o Victor fez a formação, mas depois no final ele falou assim “Luizão, não dá...” Ele fez a primeira parte e a Diná fez a segunda, ele não pôde, o Victor nunca pode ficar em lugar nenhum o tempo inteiro. Aí ele falou assim: “Luizão, eu quero te falar uma coisa, eu não quero mais fazer capacitação nesse

---

<sup>52</sup> Waly Dias Salomão.

tipo, eu sou um cara urbano. Me bota lugar urbano, não me bota nesse lugar que eu não conheço nada disso” [risos] Achei legal que ele mesmo foi humilde de falar, mas enfim, essa coisa, a gente começou a fazer a formação com esse formato de trinta e duas horas discutindo cultura, discutindo conceito de cultura, discutindo critério de lazer, conceito de esporte, discutindo conceito de cultura popular, de educação popular. Era um curso bem redondinho, bem legal e a gente foi aprimorando ele com o tempo. E foi o que fez o PELC andar, porque se não, se fosse depender do Lino não saía do lugar. E não sei o que ele queria botar ali, mas a gente fez aquilo de primeira, ficou bem redondo. Eu acho que eu tenho essa formação desde o início.

R.R. – Tem como nos conseguir?

L.M. – Eu tenho isso sim, eu posso mandar para vocês. Tenho ela depois da modificação que a gente fez da primeira, foi a base da Escola Aberta. Então acho assim... E aí a gente conseguiu fazer, botar o PELC para funcionar porque tinha capacitação, porque uma ação fundamental para gente. E depois tinha uma ida de novo... A volta que estava no programa, que eu não gostava muito e que eu acho que a volta não tinha que ser uma volta difícil localização, tinha que ser uma volta de colher o que tinha acontecido e refazer uma capacitação; uma capacitação com tempo menor, mas você colhendo o que tinha acontecido a partir dali depois de uns seis meses e fazer de novo. Os convênios eram uns doze meses... Na verdade até o convênio sair, acaba ficando muito curto, então muitas das vezes a gente não conseguia fazer isso. Essa vontade que tinha de voltar e dar uma capacitação alinhada ao que se já tinha acontecido nessa formação, como resultado dessa capacitação inicial. Isso eu queria levar, porque eu acho que era uma ação fundamental no PELC. É ainda até hoje.

R.R. – É ainda até hoje.

L.M. – Mas foi ela que fez o PELC andar.

P.J. – Você falou que um dos municípios que caiu foi Caetés. E os que deram mais certo desses dez pilotos?

L.M. – Cara, eu acho assim, eu acho que Ipatinga deu muito certo, Bagé. Cada um com seu perfil.

R.R. – Ipatinga ainda não era consórcio na primeira vez.

L.M. – Não, não, não foi. Depois eles é que começaram a estimular. A gente aprendeu muito com os municípios porque eles começaram a ver que eles podiam fazer o consórcio. O Ministério... A gente convencer: “Cara, não tem dinheiro vamos fazer consórcio!” Mas Ipatinga é que sinalizou isso para gente, entendeu? Mas assim, o que eu diria: cada um à sua maneira, cada um do seu jeito, um mais esportivizado do que outro. Bagé era muito esportivizado, entendeu? Mas assim, muito certinho. Como Bagé era muito frio, o menino lá arrumou agasalho do PELC, nunca mais vou esquecer disso, não tinha... A roupa do PELC era aquela roupa do Segundo Tempo, que eles produziam no Pintando a Liberdade<sup>53</sup>. Era calça, camisa do PELC, mas o prefeito, mesmo sem dinheiro, botou dinheiro dele, fez um agasalho para todo mundo. Todo mundo. Então tinha uma coisa...

R.R. – Lembra que lá o PELC construiu até um ginásio?

L.M. – Construiu ginásio, teve dinheiro, teve dinheiro o PELC. Então assim, eu acho que cada um na sua maneira. Acho que Ipatinga foi muito bom, Niterói também foi muito bom, Bagé foi muito bom, Dionísio Cerqueira foi muito bom, esses são os que eu lembro mais assim.

R.R. – Xapuri?

L.M. – Xapuri também com as características muito próprias lá deles. Eles viveram problemas depois por causa de negócios desvio de grana, mas assim como também Ji Paraná, mas também vingou. Agora, eu não posso, eu vou estar, acho que é melhor botar na mão de quem fala melhor, eu posso estar... Eu fui a Ji Paraná duas vezes, assim, para acompanhar capacitação, para ver e fui também no Maranhão.

---

<sup>53</sup> Programa Pintando a Liberdade.

R.R. – Em Imperatriz.

L.M. – Imperatriz duas vezes, fui com o Lino, inclusive, uma vez, que o Lino não ia... O Lino tinha isso, ele não ia! Tinha esse problema dele não botar o pé no chão, entendeu? E a gente queria levar. Consegui rebocar o Lino para... Ele mandava o Veronez.

R.R. – O Veronez vai ser um bom complemento para essa entrevista.

L.M. – É. Porque o Veronez, por exemplo, teve a coisa da ciência e tecnologia que tinha para tocar as pesquisas e tudo mais, mas assim, o que eu posso te dizer é isso. E os outros que eu não vou me arriscar a dizer que foi ruim ou mal porque eu não acompanhei tanto. A impressão que eu tive indo as vezes que eu fui, que não foram tantas como eu acompanhei os outros, mas assim, pelos relatos que a gente tinha nos relatórios, na execução, os relatórios de execução, a quantidade de pessoas frequentando, as novidades, a gente não teve muita notícia boa não. Mas acho também que isso tem muito a ver com a própria divisão do Brasil: a região Sudeste e a região Sul têm muito mais suporte, muito mais formulação. Lá as pessoas sempre tiveram muito mais dificuldade, enfim, acho tem a ver um pouco com a história do Brasil mesmo essa divisão que mudou muito dos últimos anos, mas ainda tinha muito isso no início.

P.J. – E esse primeiro grupo de formadores... Sabes estimar quantas pessoas eram formadas e como que ela acontecia?

L.M. – Isso que eu estou te falando eram dez... Cara, eu não consigo lembrar, posso mandar, eu vou achar isso daí, posso mandar para vocês, mas eram dez ou nove não me lembro. E a distribuição era de acordo com o tempo que eles tinham, mas a gente começou a botar uns mais vinculados a um lugar, porque já se conhecia mais a realidade. Porque na verdade, como falei, eles iam uma vez, e depois a ideia era ir voltar de novo para fazer essa discussão mais aprofundada. O Ministério não liberava essa segunda. A gente conseguiu fazer algumas poucas. Os relatórios devem ter isso registrado, mas assim: procurávamos essas pessoas, como é que se diz, uma grade de horários de alocação das pessoas que tinham que respeitar o tempo delas no trabalho delas e também a disponibilidade que a gente tinha para fazer nos núcleos. Porque no início, primeiro foi Dionísio, mas depois começou a ter uma avalanche

quando começou a autorizar a execução porque o dinheiro... O governo estava feito aí tinha que fazer a formação. Então começou a ter a correria, mas enfim, todo mundo se dividindo. Eu me dividia, a Andréa também. Eu acompanhava, a Andrea acompanhava e o Marcelo acompanhava, sempre tinha um de nós. Era pequeno ainda.

R.R. – A equipe que vocês tinham, nesse início do Ministério, para trabalhar com o PELC lá administrativamente, como é que era?

L.M. – Eu dirigindo, a Andrea coordenando, o Marcelo coordenando, aí depois tinham os técnicos. Betinha<sup>54</sup>, Ana<sup>55</sup>, Cidinha<sup>56</sup>, o Mario<sup>57</sup>, o Leandro<sup>58</sup>, a Bete<sup>59</sup>... A Bete foi uma conquista, um processo de conquista dela, ela era uma pessoa muito competente. Depois ela começou ir para o campo, mas inicialmente era eu, Andrea, e Marcelo no campo. O Lino não ia não, estou te falando. Não sei porque ele não ia, aí vou fazer juízo de valor. Eu consegui rebocar ele para lá, para esse lugar aí, era no Maranhão, Imperatriz. Também não sei se ele tinha que ir, era o Secretário, mas eu acho bom o Secretário conhecer, saber do que tu está falando até porque ele gostava de discutir lazer, o Lino.

R.R. – Qual era a sensação que tu tinha com relação ao que vocês projetaram e como evoluiu o PELC enquanto tu ainda estavas lá? Alcançou? Porque foi uma idealização. Foi um sonho de certa maneira, de uma política pública.

L.M. – Eu penso seguinte: a gente pensou um programa, idealizou um programa de lazer, gente fez as concessões necessárias no Ministério de Esporte. Não era o Ministério do Esporte e Lazer, era o Ministério do Esporte. Essa temática é uma temática muito fluida, não está claro. Os gestores não pensam. Se você perguntar ao Lula, hoje, o que ele faria, ele vai falar muito parecido que ele falava naquela época. Então assim, é um tema em disputa. O lazer é uma temática que é disputada até na Europa, imagina aqui que é tão recente. Então eu acho que com toda essa nossa dificuldade acho que a gente conseguiu criar uma marca.

---

<sup>54</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>55</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>56</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>57</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>58</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>59</sup> Nome sujeito a confirmação.

Agora, eu acho que há coisas no PELC que desde o início a gente insistiu demais, eu acho que a gente tinha... Talvez a ação do Vida Saudável tenha sido uma saída, que é essa coisa da internacionalidade. [TRECHO INAUDÍVEL] E acho que o Vida Saudável, de certa forma, cumpriu um papel aí. Uma ação orçamentária, não tinha muito dinheiro, mas cumpriu um pouco o papel. Mas acho assim, como política de política de esporte e lazer eu acho a gente criou uma marca, mas enquanto a gente não criar um sistema nesse país a gente não vai conseguir, porque é difícil o governo brasileiro federal ficar fomentando isso, entendeu? A ideia do Lino, isso o Lino tem um mérito que ele insistiu muito com isso, que era ideia e ele falava isso o tempo inteiro e a gente tinha concordância, é um mérito dele. Não só esse, ele teve outros méritos também, mas o Lino tem um mérito assim muito forte que era de dizer o seguinte: “Nós estamos conceituando um trabalho, a gente está querendo criar um conceito no Brasil.” Por isso... E eu vou falar uma coisa: acho que o tiro que o Agnelo deu na gente, dar dez para a gente, dez município só por um lado não foi ruim, por um lado foi bom porque eu acho que política pública tem que ser feito por projeto piloto. Projeto piloto talvez dez fosse muito, quando a gente tivesse mais dinheiro para implantar de forma regional, fazer uma coisa mais. Porque o projeto piloto é necessário senão você gasta dinheiro à toa, você tem que fazer, experimentar. A gente não conseguiu fazer isso, experimentar. Conseguiu na nossa forma, no nosso jeito, mas como uma política, assim clara, como a gente colocou no papel, a gente não conseguiu. Porque a nossa ideia, Rejane, não sei se está escrito em algum lugar, a ideia original do Lino, e que seu equívoco político, é que nós deveríamos chegar, fomentar... Ao chegar, o local se apropriou, a gente vai embora, deixa ali a semente plantada. O prefeito falava: “Vocês estão loucos”. Volta Redonda, por exemplo, aqui o exemplo de Volta Redonda: “A gente fez, vocês vieram para cá, a gente mostrou para vocês que a gente sabe fazer, vocês vão embora agora? Não. Agora vocês têm que ficar.”

R.R. – Tinha muito prefeito que já nem queria porque nós íamos abrir as possibilidades e depois eles não queriam arcar.

L.M. – Exatamente. Porque a ideia do PELC original era essa. Você fomentar, criar estrutura no local que não existisse... Existia por exemplo, uma secretaria, alguma coisa que tomasse conta, que começasse a botar dinheiro no orçamento e tocasse o projeto. A gente viveu uma polêmica porque o cara não queria isso, ele queria... Por isso que eu falo, raros são os

exemplos como o do Mainardi que começou a tocar, mas não queria que nós saíssemos de lá, mas começou a tocar. De Ipatinga que também começou a botar recurso próprio. Niterói não botou, aqui em Niterói era inadimplente por causa do governo anterior, mas Ipatinga, Bagé, Dionísio Cerqueira começou a botar dinheiro próprio. Então acho que como política a gente criou uma marca, mas enquanto a gente não tiver o sistema eu não sei se essa marca fica, entendeu? Eu não sei porque... Porque é muito difícil a gente ir lá em Brasília fomentar isso, é muito dinheiro, é muito tempo é muito grande o Brasil, entendeu? Mas acho assim: nós criamos uma marca, um programa que pode ser copiado e ser ajustado localmente como o Escola Aberta também. Escola Aberta foi uma marca, hoje tem governos municipais que fazem Escola Aberta, mas assim, eu acho que criou uma marca. Acho que criou uma marca.

P.J. – Luis Otávio, você gostaria de falar mais alguma coisa?

L.M. – Nós tínhamos a intenção, não só do gestor. Assumir o programa e tocar, mas a pessoa se sentir autônoma, usar o seu tempo livre de forma crítica que era o grande barato nosso. Ele perceber que ali era um direito dele. Eu quando saiu o segundo edital, porque... Eu não vou entrar na esfera do Veronez porque a esfera dele e do Lino, mas assim, todo o processo de construção das pesquisas, foi um processo meio complicado. Primeiro não teve edital, foram os amigos. Os amigos [risos], depois a gente começou a ter edital. Mas no segundo edital, na gestão que tu já estava lá, até conversei, na época, com a Cássia<sup>60</sup> um pouco que eu tinha feito exata na segunda rodada do meu projeto, na segunda, que era exatamente isso. Até o título o projeto era “Os órfãos do PELC: como andam?” Então a minha ideia era pesquisar acho que uns dois núcleos do Rio: um núcleo de Niterói, um do Rio, eu não me lembro mais onde, para entender se a população se apropriou. Que a minha intenção era exatamente essa, saber se a gente conseguiu emplacar no cidadão local essa compreensão de que o lazer é um direito dele e ele lutar por isso. Isso a gente não tem, não sei está rolando alguma pesquisa nesse sentido ou se tem, mas eu não tenho. Se eu for falar eu vou falar com um dado impressionista. Eu acho que o PELC vive um pouco isso. A gente não conseguiu por uma série de razões, acho nem incompetência do gestor.

---

<sup>60</sup> Cássia Damiani.

R.R. – Mas é que o PELC não conseguiu sensibilizar todas, até porque não atuou diretamente em várias comunidades como se gostaria e no tempo necessário para a educação se consolidar.

L.M. – Isso.

R.R. – Ele avançou muito, no meu entendimento, dentro das universidades.

L.M. – É verdade

R.R. – No conhecimento da nossa área com relação ao lazer e a política pública.

L.M. – Isso é verdade. Na produção. Agora, isso tem que se traduzir lá na ponta isso, porque não dá para esse conhecimento ficar ali dentro só. Eu falo isso aqui todo dia. A gente fala todo dia na universidade. Eu acho que o... É verdade, gerou muita produção nessa área porque muitas pessoas começaram a se interessar, estudar o Segundo Tempo, estudar o PELC. A criação do Ministério foi uma virada de página no Brasil, entendeu?

R.R. – Eu acho que em termos de políticas sociais foi.

L.M. – Foi virada. Foi virada porque independente da crítica ou não a gente pode partir daí, entendeu? A gente pode partir daí. Agora, acho assim: acho que valeria a pena estimular pesquisa nesse sentido para ver a compreensão da população nesse sentido, de se apropriar desse direito porque realmente a gente vê que a gente começa, muita gente começa do zero, é para começar um projeto começa do zero. Mesmo onde já teve alguma coisa, tu começa do zero. Enfim, deixamos uma marca.

P.J. – Ok, Obrigada pela tua disponibilidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]

